



PREFEITURA
DE GOIÂNIA

PREFEITURA MUNICIPAL DE GOIÂNIA
SECRETARIA MUNICIPAL DE ADMINISTRAÇÃO
COMISSÃO DE CONCURSO
EDITAL N. 001/2016



PROFISSIONAL DA EDUCAÇÃO II

PEDAGOGO

19/06/2016

PROVAS	QUESTÕES
LÍNGUA PORTUGUESA	01 a 16
CONHECIMENTOS GERAIS	17 a 22
CONHECIMENTOS SOBRE EDUCAÇÃO	23 a 40
CONHECIMENTOS NA ÁREA DE ATUAÇÃO	41 a 70
REDAÇÃO	-

SÓ ABRA ESTE CADERNO QUANDO FOR AUTORIZADO
LEIA ATENTAMENTE AS INSTRUÇÕES

1. Quando for permitido abrir o caderno, verifique se ele está completo ou se apresenta imperfeições gráficas que possam gerar dúvidas. Em seguida, verifique se ele contém 70 questões.
2. Cada questão apresenta quatro alternativas de resposta, das quais apenas uma é a correta. Preencha, no cartão-resposta, a letra correspondente à resposta julgada correta. No cartão, as respostas devem ser marcadas com caneta esferográfica de tinta AZUL ou PRETA, fabricada em material transparente. Preencha integralmente o alvéolo, rigorosamente dentro dos seus limites e sem rasuras.
3. O cartão-resposta e o caderno de resposta da prova de Redação são personalizados e não serão substituídos em caso de erro durante o seu preenchimento. Ao recebê-los, verifique se seus dados estão impressos corretamente; se for constatado algum erro, notifique ao aplicador de prova.
4. As provas terão a duração de **cinco horas**, já incluídos nesse tempo a marcação do cartão-resposta e o preenchimento da folha de resposta da Redação e a coleta da impressão digital.
5. Você só poderá retirar-se do prédio após terem decorridas **quatro horas de prova**, podendo, então, levar o caderno de questões.
6. Quando apenas três candidatos permanecerem na sala para terminar a prova, estes deverão aguardar até que o último a entregue e terão seus nomes registrados em Relatório de Sala, no qual aporão suas respectivas assinaturas.
7. AO TERMINAR, DEVOLVA O CARTÃO-RESPOSTA E O CADERNO DE RESPOSTA DA PROVA DE REDAÇÃO AO APLICADOR DE PROVA.

LÍNGUA PORTUGUESA

Leia o texto 1 para responder às questões de **01 a 07**.

Texto 1

Objetivo de princesas da Disney não é mais o casamento, revela estudo

Maria Clara Moreira

Quando Walt Disney trouxe para as telas a versão animada de "Branca de Neve" (1937), clássico alemão imortalizado pelos irmãos Grimm, lançou as bases para o que se tornaria um ícone cultural infantil.

Desde então, sucessoras como Ariel, de "A Pequena Sereia", e Tiana, de "A Princesa e o Sapo", colaboram para a formação do ideal de feminilidade de milhares de meninas mundo afora. Em suas histórias, carregam papéis e ideais que pautam, ainda na infância, os valores sociais.

Foi essa ideia que levou as pesquisadoras americanas Carmen Fought, do Pitzer College, e Karen Eisenhauer, da North Carolina State University, a aplicarem princípios da linguística para analisar como os filmes da Disney expressam as diferenças entre homens e mulheres e como essa abordagem mudou nos últimos anos.

"A feminilidade não vem do nascimento, é algo desenvolvido a partir de interações com a ideologia da nossa sociedade, e os filmes da Disney atuam como uma fonte de ideias sobre o que é ser mulher", defende Carmen.

Ela e Karen categorizaram os filmes em três eras cronológicas: Clássica, de "Branca de Neve" (1937) a "A Bela Adormecida" (1959); Renascentista, de "A Pequena Sereia" (1989) a "Mulan" (1998); e a Nova Era, de "A Princesa e o Sapo" (2009) a "Frozen" (2013) – este último não é reconhecido pela Disney como parte da franquia, mas também foi considerado pela pesquisa.

Fora "Aladdin" (1992), todos os longas da franquia das princesas são protagonizados por mulheres, embora dominados por personagens masculinos. O número de homens foi superior ao de mulheres em quase todos os exemplos, com o empate em "Cinderela" (1950), única exceção.

Carmen não acredita que povoar os longas com homens seja uma escolha consciente por parte dos produtores. Ao contrário, explica o fenômeno como uma decisão automática e inconsciente de assumir o masculino como norma.

"Nossa imagem de médicos e advogados, por exemplo, costuma ser masculina, mesmo com muitas mulheres nessas profissões. Nos filmes analisados, quase todos os papéis além da protagonista vão automaticamente para homens. Acho que é automático [para eles] colocar personagens homens como o braço direito engraça-

dinho e em funções menores, que passam batido", argumenta.

DIFERENÇA GERACIONAL?

Entre as eras Clássica e Renascentista, há uma diferença geracional. Os 30 anos entre "A Bela Adormecida" e "A Pequena Sereia" viram desde a luta pelos direitos civis dos negros nos EUA à morte de Walt Disney, passando pela segunda onda do feminismo.

As mudanças culturais levaram a uma princesa supostamente diferente. A sereia Ariel foi recebida pela crítica como uma rebelde, cuja independência em muito diferia da submissão das predecessoras.

O estudo de Carmen e Karen, no entanto, prova o contrário. Se desde "Branca de Neve" a quantidade de palavras ditas por personagens femininas vinha crescendo (passando de 50% para 71% em 1959), Ariel e suas sucessoras da era Renascentista reverteram a tendência de forma drástica. Todos os cinco filmes do período viram dominância masculina, cujo ápice foi "Aladdin" (90%).

"Os filmes mais recentes mostram evolução em algumas áreas. Em geral, as ideias estão sendo atualizadas. A ideia de ser salva por um homem parece ter mudado, e o casamento como meta única também. Um exemplo é Tiana, de 'A Princesa e o Sapo', cujo sonho é ter um restaurante", explica Carmen. "É possível argumentar que se esforçaram ao incluir duas princesas que salvam a si mesmas em 'Frozen'. Ao mesmo tempo, a maioria de seus personagens é masculina, e os homens ganham a maior parte do diálogo (59%)."

BELEZA NÃO É TUDO

Instigadas não apenas pela soberania do discurso, mas também por seu conteúdo, as americanas catalogaram os elogios distribuídos ao longo dos 12 filmes, buscando descobrir se as personagens mulheres são mais elogiadas por sua aparência que por suas habilidades, e se o padrão se opõe à tendência masculina.

Aqui, "A Pequena Sereia" se mostrou progressista. O filme deu início à era Disney que reduziu de 55% para 38% a quantidade de elogios à beleza das personagens. No lugar, as princesas passaram a ser celebradas por suas habilidades (um aumento de 12 pontos percentuais em relação aos filmes clássicos) e personalidades. A tendência se manteve durante a Nova Era.

Na contramão da diminuição dos elogios à aparência das personagens femininas, a pesquisa descobriu que personagens masculinos cada vez mais têm a beleza, e não as habilidades, elogiada.

Os números refletem a inclusão de profissionais mulheres em seu processo de criação. Entre os exemplos notáveis estão "A Bela e a Fera" e "Valente". Idealizados por mulheres (Linda Woolverton e Brenda Chapman, respectivamente), os dois têm heroínas criadas

para serem novos modelos para meninas, desta vez baseados em força de vontade e independência.

"Torço para que façam filmes mais representativos. É algo que necessitamos em toda a mídia, não só na Disney", opina Carmen. "Se nós não tomarmos a decisão de incluir maior diversidade étnica, etária e de gênero na mídia, continuaremos a escolher automaticamente a maioria, ou seja, homens brancos."

Disponível em: <<http://www1.folha.uol.com.br/ilustrada/2016/02/1734943-objetivo-de-princesas-da-disney-nao-e-mais-o-casamento-revela-estudo.shtml>>. Acesso em: 13 abr. 2016. [Adaptado].

— QUESTÃO 01 —

Conforme a autora da matéria, o objetivo geral das pesquisadoras Carmen Fought e Karen Eisenhauer era comprovar se os filmes da Disney

- (A) seguiam uma categorização cronológica pelo fato de apresentarem suas histórias conforme características dos comportamentos femininos das eras Clássica, Renascentista e Moderna.
- (B) refletiam os princípios da linguística pelo fato de marcar as diferenças entre homens e mulheres nas falas das personagens em interação social e ideológica.
- (C) privilegiavam as personagens masculinas por uma escolha consciente por parte dos produtores ou se por uma decisão inconsciente de assumir o masculino como norma.
- (D) contribuíam para a formação do ideal de feminilidade de meninas por apresentarem personagens com papéis e ideais que reforçam os valores sociais estabelecidos.

— QUESTÃO 02 —

Para a análise dos dados, as pesquisadoras americanas utilizaram, como método,

- (A) as mudanças culturais e históricas ocorridas entre os três períodos escolhidos e aquelas que se deram no interior de um mesmo período, redefinindo os papéis masculinos e femininos.
- (B) a contagem do número de personagens masculinos e femininos, das palavras ditas por homens e mulheres nos filmes e dos elogios recebidos por cada categoria pela aparência e pelas habilidades.
- (C) as diferenças relativas ao ideal feminino e masculino existentes nas histórias de princesa dos contos tradicionais e nos filmes infantis produzidos pela Disney em três diferentes épocas.
- (D) a porcentagem das ocorrências de cenas de ação, dos diálogos protagonizados pelos heróis e pelas heroínas e a quantidade de papéis representados por auxiliares masculinos e femininos.

— QUESTÃO 03 —

No processo comunicativo, os textos apresentam determinadas funções e, em cada esfera de utilização da língua, elaboram-se determinados gêneros discursivos para que se cumpra a finalidade comunicativa. A análise geral do texto permite a sua identificação com o gênero "artigo de divulgação científica", pois

- (A) baseia-se na exposição e defesa de um ponto de vista com predomínio de sequências expositivo-argumentativas.
- (B) volta-se para a popularização de conhecimentos acadêmicos com uso de sequências expositivo-explicativas.
- (C) explicita posicionamento acerca de um tema polêmico em debate no veículo de comunicação, fazendo uso de sequências dissertativas.
- (D) declara publicamente razões que justifiquem atos ou em que se fundamentem direitos por meio de sequências injuntivas.

— QUESTÃO 04 —

O texto deixa entrever que o trabalho feito pelas americanas Carmen Fought e Karen Eisenhauer, pautando-se na aplicação de princípios da linguística na análise de filmes, trata-se de

- (A) uma prática corriqueira no meio acadêmico, uma vez que põe em confronto áreas distintas.
- (B) uma atitude não científica, porque inclui, nos estudos, práticas relacionadas à esfera jornalística.
- (C) um processo aceito pela comunidade acadêmica, uma vez que relaciona áreas distintas e com comprovações científicas.
- (D) uma novidade no âmbito da pesquisa científica, porque utiliza a prática da contagem de palavras ditas num filme.

— QUESTÃO 05 —

O registro linguístico utilizado na construção do texto

- (A) aproxima leitor e conteúdo de difícil acesso por meio do uso simplificado e didatizado da linguagem científica.
- (B) atende às formas de interlocução do gênero do discurso científico ao fazer uso de linguagem técnica.
- (C) utiliza terminologia rebuscada e formalidade elevada em conformidade com a interlocução jornalística.
- (D) apresenta léxico e sintaxe em consonância com a norma culta urbana, para atingir um público acadêmico-científico.

— QUESTÃO 06 —

A correspondência entre o operador discursivo em destaque e a descrição de seu funcionamento dentro dos parênteses ocorre em:

- (A) “todos os longas da franquia das princesas são protagonizados por mulheres, embora dominados por personagens masculinos” (oposição de argumentos orientados para conclusões contrárias).
- (B) “O estudo de Carmen e Karen, no entanto, prova o contrário” (introdução de conclusão a partir de argumentos apresentados anteriormente).
- (C) “Instigadas não apenas pela soberania do discurso, mas também por seu conteúdo” (comparação entre elementos diferentes com vistas a uma dada conclusão).
- (D) “Se nós não tomarmos a decisão de incluir maior diversidade étnica, etária e de gênero na mídia, continuaremos a escolher automaticamente a maioria” (apresentação de uma explicação relativa ao enunciado anterior).

— QUESTÃO 07 —

No trecho “Idealizados por mulheres (Linda Woolverton e Brenda Chapman, respectivamente), os dois têm heroínas criadas para serem novos modelos para meninas, desta vez baseados em força de vontade e independência”, a expressão “desta vez” assegura a coerência no encadeamento das ideias,

- (A) finalizando uma polêmica anterior por meio da exploração do argumento subentendido.
- (B) inserindo um argumento já citado e reforçando seu sentido por um raciocínio lógico.
- (C) recuperando uma afirmação extratextual por meio do recurso da pressuposição.
- (D) apresentando um fato novo e recuperando por oposição um fato já apresentado.

Leia o texto 2 para responder às questões de 08 a 11.

Texto 2



Disponível em: <<http://www.willtirando.com.br/?s=macho&submit=Search>>. Acesso em: 13 abr. 2016.

— QUESTÃO 08 —

Em relação ao plano linguístico, o efeito de humor, na tirinha, é construído por meio

- (A) do encadeamento das ações de perguntar, exclamar e afirmar para reforçar a masculinidade.
- (B) da substituição de termos polissêmicos por expressões denotativas.
- (C) da mudança promovida nos objetos pela supressão de sufixos das palavras.
- (D) do uso de palavras concretas para enfatizar traços pessoais rudes.

— QUESTÃO 09 —

Considerando as condições históricas, sociais e culturais, a tirinha possibilita a crítica sobre

- (A) a recusa das diferenças nas escolhas de consumo como marca do lugar de homens e mulheres.
- (B) a submissão aos valores construídos para o padrão estabelecido de comportamento masculino.
- (C) a imitação das atitudes de homens educados e elegantes influenciados pelo discurso feminista.
- (D) a restrição à fala dos homens imposta pela norma culta da língua e pelas formas literárias.

— QUESTÃO 10 —

Acerca da relação entre elementos verbais e não verbais na construção da tirinha, é possível afirmar que há entre eles

- (A) redundância, uma vez que os elementos imagéticos reafirmam o que dizem os elementos verbais.
- (B) unilateralidade, já que o verbal torna-se mais importante para o sentido do texto que o não verbal.
- (C) independência, pois ambos contribuem com elementos distintos para a unidade do texto.
- (D) sincretismo, dado que a retirada de algum deles resultaria em perda de sentido para o texto.

— QUESTÃO 11 —

Ao afirmar que “Macho que é macho nunca fala no diminutivo”, o enunciador deixa implícito que, nesse caso, o uso de diminutivo funciona como

- (A) sinalizador de desprezo.
- (B) delimitador de espacialidade.
- (C) indicador de tamanho.
- (D) marcador de fragilidade.

Leia o texto 3 para responder às questões de 12 a 16.

Texto 3

Teoria, ideologia e a urgente necessidade de pensar contra a má-fé

Márcia Tiburi

O teólogo André Musskopf defende que os fundamentalistas têm ajudado o feminismo e os movimentos pela diversidade sexual e de gênero. Em artigo, ele defende que “talvez o mais surpreendente seja que aquelas e aquelas que não queriam falar sobre o assunto de repente se veem obrigadas e obrigados a estudar e conhecer – e até falar sobre ele”. De fato, a gritaria de alguns tem esse outro lado, um efeito inesperado de colocar a questão em pauta, de levar muita gente a repensar o modo como a questão de gênero afeta suas vidas cotidianas. A vida e a sociedade são dialéticas, digamos assim, tudo pode ter dois lados, e o olhar otimista ajuda todos os que sobrevivem a seguir na luta por direitos. Mas infelizmente há o lado péssimo de tudo isso, aquele que é vivido pelas vítimas desse estado de coisas, aqueles para quem não há justiça alguma.

Quem luta, não pode desistir. Enfraquecer o inimigo é necessário desde que não se menospreze sua força.

O caminho que devemos seguir quando se trata de pensar em gênero é aquele que reúne o esforço da crítica, da pesquisa, do esclarecimento, o esforço de quem se dedica à educação e à ciência, com o esforço da escuta. Quando escuto alguém falando de “cura gay” imagino o grau de esvaziamento de si, de pobreza subjetiva, que levou essa pessoa a aderir a uma teoria como essa. Infelizmente, esse tipo de teoria popular se transforma em ideologia enquanto, ao mesmo tempo, é usada por “donos do poder”, para vantagens pessoais.

Importante saber a diferença entre teoria e ideologia. São termos muito complexos. Incontáveis volumes já foram escritos sobre isso, mas podemos resumir nos seguintes termos: teoria é um tipo de pensamento que se expõe, ideologia é um tipo de pensamento que se oculta.

Há, no entanto, um híbrido, as “teorias ideológicas” que, por sua vez, expõem com a intenção de ocultar, ou ocultam fingindo que expõem.

Há teorias populares (que constituem o senso comum, as opiniões na forma de discursos que transitam

no mundo da vida depois de terem sido lidas em jornais e revistas de divulgação) e teorias científicas (que estão sempre sendo questionadas e podem vir a ser desconstituídas, mas que escorrem para o senso comum e lá são transformadas e, em geral, perdem muito do seu sentido).

Ideologia, por sua vez, é o conjunto dos discursos e opiniões vigentes que servem para ocultar alguma coisa em vez de promover esclarecimento, investigação e ponderação.

A ideologia de gênero, sobre a qual se fala hoje em dia, não está na pesquisa que o discute e questiona, mas no poder que, aliado ao senso comum, tenta dizer o que gênero não é.

Algo muito curioso acontece com o uso do termo ideologia quando se fala em “ideologia de gênero”. Algo, no mínimo, capcioso. Pois quem usa o termo “ideologia de gênero” para combater o que há de elucidativo no termo gênero procura ocultar por meio do termo ideologia não apenas o valor do termo gênero, como, por inversão, o próprio conceito de ideologia. É como se falar de ideologia de gênero servisse para ocultar a ideologia de gênero de quem professa o discurso contra a ideologia de gênero.

Não se trata apenas de uma manobra em que a autocontradição performativa é ocultada pela força da expressão, mas de um caso evidente de má fé. E quando a má fé vem de pessoas (homens, sobretudo) que se dizem de fé, então, estamos correndo perigo, porque a fé do povo tem sido usada de maneira demoníaca.

O papel ético e político de quem pesquisa, ensina e luta pela lucidez em uma sociedade em que os traços obscurantistas se tornam cada vez mais intensos é também demonstrar que percebemos o que se passa e que continuaremos do lado crítico a promover lucidez, diálogo e respeito aos direitos fundamentais, inclusive relativos à sexualidade e ao gênero, em que pese a violência simbólica a que estamos submetidos.

Disponível em: <<http://revistacult.uol.com.br/home/2016/02/vamos-conversar-sobre-genero/>>. Acesso: em 13 abr. 2016. [Adaptado].

— QUESTÃO 12 —

A expressão “ideologia de gênero” utilizada nos dias de hoje e questionada pela autora do texto refere-se a

- (A) uma teoria utilizada pelo poder com base no senso comum.
- (B) um esforço da crítica para esclarecimento de sua definição.
- (C) uma temática religiosa de que tratam as filosofias modernas.
- (D) um conceito advindo das pesquisas e reflexões acadêmicas.

— QUESTÃO 13 —

Em várias passagens do texto, nota-se o uso do sinal indicador de aspas. No caso de sua utilização em “cura gay”, “donos do poder”, “teorias ideológicas”, elas

- (A) exprimem ironia ou conferem destaque a uma palavra ou expressão que o enunciador considera empregada fora de seu contexto habitual.
- (B) ressaltam a ocorrência de empréstimos linguísticos ou marcam uma não adequação ao nível de linguagem utilizado.
- (C) demonstram crítica ou ressaltam a discordância do enunciador quanto ao que julga ser inapropriado.
- (D) demarcam a proximidade pretendida pelo locutor ao enunciar ou referem-se ao título de outra obra.

— QUESTÃO 14 —

No parágrafo introdutório do texto, são usadas as palavras de um teólogo acerca dos desdobramentos sobre as questões de gênero na atualidade. Com relação a essa citação e aos comentários feitos a seu respeito, é possível afirmar que a autora

- (A) concorda com o teólogo sobre os ataques sofridos pelas mulheres e pelos movimentos defensores da diversidade sexual e de gênero.
- (B) refuta o pensamento do teólogo com a argumentação de que o olhar otimista ajuda todos os que sobrevivem a seguir na luta por direitos.
- (C) aceita o posicionamento do teólogo, mas enfatiza o lado negativo da questão para os que sofrem os ataques dos fundamentalistas.
- (D) questiona a propagação das ideias do teólogo, embora considere produtivo o silenciamento sobre a questão da sexualidade.

— QUESTÃO 15 —

No trecho “A ideologia de gênero, sobre a qual se fala hoje em dia, não está na pesquisa que o discute e questiona, mas no poder que, aliado ao senso comum, tenta dizer o que gênero não é”, o elemento “o”, no período em destaque, funciona como um mecanismo de coesão

- (A) sequencial, que recupera a noção de discurso apresentada no parágrafo anterior.
- (B) anafórica, que retoma a palavra “gênero”, separando-a da ideia de ideologia.
- (C) catafórica, que antecipa o significado do termo “poder”, distinguindo-o do senso comum.
- (D) lexical, que substitui a expressão “algo muito curioso” enunciada no período seguinte.

— QUESTÃO 16 —

A expressão “má-fé” anunciada no título do texto está implicada na questão que diz respeito

- (A) à manobra utilizada para produzir sentido pejorativo para a noção de gênero dos estudos científicos.
- (B) ao modo como a teoria de gênero afeta a vida cotidiana das pessoas em suas relações interpessoais.
- (C) à estratégia de enfraquecimento do discurso daqueles que desconsideram a diversidade sexual e de gênero.
- (D) ao poder exercido pelos pesquisadores sobre os saberes do senso comum na definição da sexualidade.

— RASCUNHO —

CONHECIMENTOS GERAIS**— QUESTÃO 17 —**

Recentemente, algumas rodovias federais que cortam o estado de Goiás passaram pelo processo de concessão, que envolve a transferência de responsabilidade, da administração pública para uma organização privada, da gestão sobre a infraestrutura rodoviária, por determinado tempo. Nas rodovias concedidas, os motoristas devem pagar taxas para a circulação. Porém, existe uma exceção, que prevê isenção do pagamento das tarifas do pedágio para

- (A) motoristas que moram e trabalham em cidades que ficam entre os pontos de cobrança.
- (B) veículos registrados em nome de idosos e/ou aposentados.
- (C) motoristas que apresentarem ausência de pontos na Carteira Nacional de Habilitação.
- (D) veículos oficiais utilizados pelo poder público ou que pertençam ao corpo diplomático.

— QUESTÃO 18 —

Uma substância química orgânica, naturalmente presente no organismo de vários mamíferos, chamada fosfoetanolamina, vem sendo anunciada por diversos meios de comunicação como a cura para o câncer. A grande polêmica sobre esse medicamento foi causada pelo fato de o governo federal ter aprovado sua produção, a despeito

- (A) da ausência de testes de segurança.
- (B) do interesse da indústria farmoquímica.
- (C) dos custos exorbitantes de comercialização.
- (D) das iniciativas de pacientes em tratamento.

— QUESTÃO 19 —

Nos últimos anos, muitas infecções humanas, até pouco tempo desconhecidas, passaram a ser descobertas, além de várias outras que haviam sido controladas no passado terem ressurgido. Um exemplo de doença viral reemergente é:

- (A) o tétano.
- (B) a peste bubônica.
- (C) a dengue.
- (D) a tuberculose.

— QUESTÃO 20 —

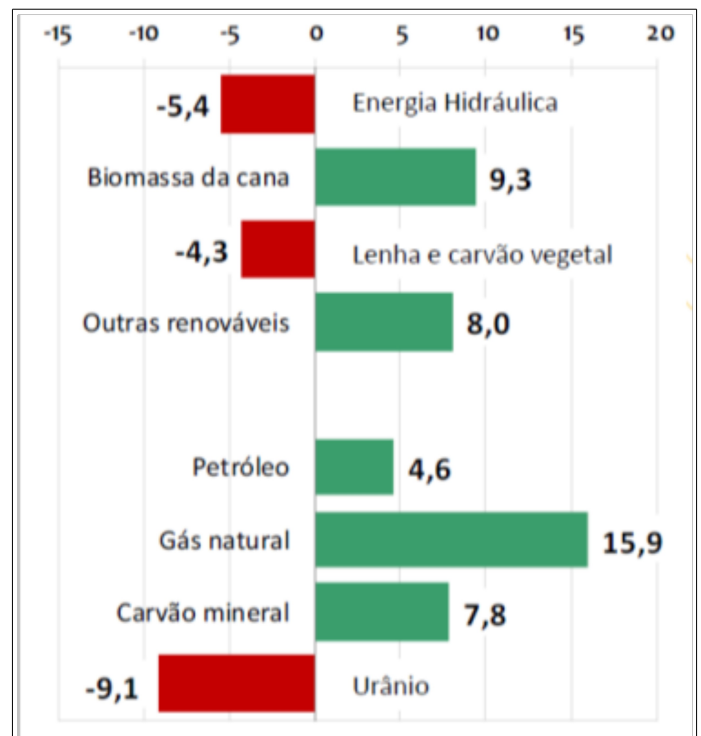
Causou polêmica a proposta recente do governo estadual de Goiás de transferência da gestão de escolas públicas para instituições conhecidas como organizações sociais (OS). A OS é uma entidade

- (A) privada, sem fins lucrativos.
- (B) mista, com fins lucrativos.
- (C) pública, sem fins lucrativos.
- (D) filantrópica, sem fins lucrativos.

— QUESTÃO 21 —

Leia o gráfico a seguir.

Brasil – Variação da oferta interna de energia (%) – 2013/2012



Fonte: BRASIL. Ministério das Minas e Energia. Balanço Energético Nacional 2014, Relatório Síntese, ano base 2013. Rio de Janeiro, 2014.

A leitura e interpretação do gráfico permite inferir que:

- (A) a energia hidráulica deixou de ser a principal fonte energética do país.
- (B) o gás natural assumiu a condição de principal matriz energética do Brasil.
- (C) as fontes não renováveis apresentaram maior acréscimo no período.
- (D) as fontes renováveis apresentaram menor decréscimo no período.

— QUESTÃO 22 —

A segurança pública tem sido um dos pontos problemáticos no estado de Goiás nas últimas décadas, especialmente em função do número de crimes violentos, como os homicídios. Dentre as 500 cidades mais violentas do Brasil no ano de 2012, conforme a lista publicada no Mapa da Violência (Waiselfisz, 2014), com base nos dados do Sistema de Informações de Mortalidade, do Ministério da Saúde, aparecem cidades goianas como Luziânia (15^a), Planaltina (75^a), Cocalzinho de Goiás (99^a), Santo Antônio do Descoberto (108^a), Formosa (111^a), Valparaíso de Goiás (115^a) e Águas Lindas de Goiás (129^a). Uma característica geográfica que aglutina tais cidades é o fato de que elas fazem parte da

- (A) área limítrofe de Goiás com o estado de Mato Grosso.
- (B) região do entorno do Distrito Federal.
- (C) região metropolitana de Goiânia.
- (D) área limítrofe de Goiás com Minas Gerais.

— RASCUNHO —**— RASCUNHO —**

CONHECIMENTOS SOBRE EDUCAÇÃO**— QUESTÃO 23 —**

A intencionalidade é uma das peculiaridades do processo de ensinar, ou seja, se inscreve na pretensão de ajudar alguém a aprender (Castro, 2001, p. 15). A sua ausência pode produzir patologias didáticas. Na didática comprometida com a qualificação do ensino e da aprendizagem,

- (A) o responsável pelo trabalho com os alunos desenvolve uma lista de procedimentos "que dão certo" e outros "que não funcionam".
- (B) a equipe de professores avalia e atua por meio de um conjunto de prêmios e castigos em relação ao que se pretende que os alunos aprendam.
- (C) as atividades planejadas facilitam o domínio de hábitos e as habilidades de conhecimentos fundados na espontaneidade do aluno.
- (D) a proposta de ensino desafia o locutor a pensar sobre algo, pois a didática se apoia no conceito de ensino e este comanda o que se espera da ação de ensinar.

— QUESTÃO 24 —

De acordo com Maria Teresa Estrela (1994), ao tecer considerações sobre a disciplina e a indisciplina na sala de aula, o professor desenvolve dois papéis básicos: "agente normativo e organizador da aula". Este entendimento corresponde à afirmação de que:

- (A) o professor é veiculador de uma ética, uma moral, uma axiologia que fazem parte do currículo expresso e oculto da escola. O modo como organiza a aula deve ser pautado por regras e direções que primem pela clareza e pelo diálogo com os alunos.
- (B) o professor deve produzir um código de conduta discente na sala de aula como resultado de diálogos consensuais com os alunos. O regime de organização da disciplina deve ser pautado pela ambivalência de quaisquer que sejam as diferenças.
- (C) o professor deve estar ciente de que a normatização que vem de cima para baixo deve ser refutada. Organização não tem nenhuma correspondência com hierarquia.
- (D) o professor sabe que a sala de aula deve ser regida pelo conflito esclarecido. O respeito às diversidades de ordem política, étnica, religiosa ou social é imperioso.

— QUESTÃO 25 —

A ampliação gradativa da jornada escolar no Brasil está prevista na LDBEN/9394/1996. Madeleine Compère (1997) informa que em países europeus as crianças menores ficam menos tempo na escola, e esse tempo se amplia para crianças maiores e para os adolescentes. No Brasil, as pesquisas mostram que são as crianças menores que permanecem mais tempo na escola (Cavaliere, 2006, p. 96). Esta tipicidade da escola brasileira evidencia a presença de:

- (A) idiosincrasias no universo juvenil típicas da fase psicológica e da transição biológica pelas quais atravessa: espírito de contestação, irreverência, novas demandas em face da sexualização da vida moderna.
- (B) peculiaridades de natureza cultural e social que definem a demanda pela escola de tempo integral para crianças menores: o trabalho, adolescentes cujos papéis não se limitam a estudar, baixo nível de satisfação com a escola.
- (C) incompatibilidades entre a demanda familiar e a oferta escolar: de um lado, as famílias reivindicam um espaço que assegure segurança e alimentação para seus filhos e, de outro, a escola restringe o acesso a crianças menores.
- (D) equívocos nos processos motivadores da adesão à política de ampliação da jornada escolar brasileira: secundarização das questões pedagógicas, sobreposição de aspectos sociais, negação da educação inclusiva.

— QUESTÃO 26 —

Estudiosos da didática (Carlos e Gil, 1993; Castro, 2001, entre outros) entendem que o professor precisa dominar os saberes conceituais e metodológicos de sua área, pois dessa maneira produzirá uma "educação científica". Tal pressuposto indica que o professor deve:

- (A) integrar os saberes das áreas disciplinares, ser motivador dos alunos, dominar as novas tecnologias, promover diálogos interculturais, acompanhar os alunos nas redes sociais.
- (B) ter conhecimento interdisciplinar, saber realizar mediações didáticas, ter interesse pelas mídias, adquirir habilidades holísticas, ser formador de opinião pública.
- (C) conhecer as especificidades de sua área de conhecimento, dominar a metodologia de produção de tais conhecimentos, conhecer a produção recente, ser capaz de abordagens transdisciplinares.
- (D) integrar saberes, promover interações epistemológicas, ser motivador de experiências inovadoras, empreender esforços para uma pedagogia crítica.

— QUESTÃO 27 —

“Algum tempo atrás, a BBC perguntou às crianças britânicas se preferiam a televisão ou o rádio. Quase todas escolheram a televisão, o que foi algo assim como constatar que os gatos miam e os mortos não respiram. Mas entre as poucas crianças que escolheram o rádio, houve uma que explicou: -Gosto mais do rádio porque pelo rádio vejo paisagens mais bonitas” (Galeano, 2009, p. 308).

Neste fragmento extraído da obra *De pernas pro ar: a escola do mundo avesso*, o escritor Eduardo Galeano convida a pensar sobre:

- (A) o papel ostensivo dos meios de comunicação, com ênfase na tevê, e seus efeitos na formação do pensamento e no fomento à cultura consumista da sociedade capitalista vigente.
- (B) a relevância de pesquisas pautadas na infância, com ênfase em conhecer os interesses da criança, garantindo a centralidade desta no processo de ensino e aprendizagem.
- (C) a especificidade das crianças britânicas que se distinguem das crianças das demais sociedades, fato que, por si só, supõe intervenções e políticas educativas específicas.
- (D) a ameaça à imaginação criadora da criança quando conteúdos fáceis e largamente difundidos pela tevê não recebem a problematização do adulto ou a possibilidade de confrontar a criança com outras linguagens.

— RASCUNHO —**— QUESTÃO 28 —**

A criança que quebra a cabeça com os *barbara* e *baralip-tion*, fatiga-se, certamente, e deve-se procurar fazer com que ela só se fatigue quando for indispensável e não inutilmente; mas é igualmente certo que será sempre necessário que ela se fatigue a fim de aprender e que se obrigue a privações e limitações de movimento físico, isto é, que se submeta a um tirocínio psicofísico. Deve-se convencer a muita gente que o estudo é também um trabalho, e muito fatigante, com um tirocínio particular próprio, não só muscular-nervoso mas intelectual: é um hábito adquirido com esforço, aborrecimento e mesmo sofrimento (Gramsci, 1968, 138-139).

O fragmento de Antônio Gramsci foi extraído da obra *Os intelectuais e a organização da cultura* e chama a atenção

- (A) pela severidade com que se trata a criança na sala de aula.
- (B) pela ousadia com que se desconsidera a psicologia da criança moderna.
- (C) pela rigidez com que se definem as atividades da criança na escola.
- (D) pelo entendimento de que o trabalho da criança na escola é intelectual e, por isso, exigente.

— QUESTÃO 29 —

A estudiosa Acácia Kuenzer (2005) entende que a concepção pedagógica dominante nos anos iniciais do século XXI reúne dois movimentos: a "exclusão includente" e a "inclusão excludente". A primeira se manifesta no terreno produtivo como um fenômeno do mercado. A "inclusão excludente" se manifesta no terreno educativo e pode ser flagrada em ações como:

- (A) divisão do ensino em ciclos, progressão continuada, classes de aceleração que permitem às crianças e aos jovens permanecer mais tempo na escola sem correspondente aprendizagem efetiva.
- (B) ampliação da matrícula de crianças e de jovens com necessidades educativas especiais e dotação material e humana com vistas à inclusão de históricos excluídos do sistema escolar brasileiro.
- (C) investimento em políticas de ampliação da jornada escolar como forma de oportunizar aos filhos das classes populares o devido acesso a uma escola com alimentação, esportes e ensino qualificado.
- (D) reagrupamento de crianças e de adolescentes com distorção entre idade e série, avaliações internas diagnósticas que visam assegurar o aprendizado qualificado, ainda que fora da faixa etária regular.

— QUESTÃO 30 —

As escolas deverão estabelecer como norteadores de suas ações pedagógicas: **a)** os princípios éticos da autonomia, da responsabilidade, da solidariedade e do respeito ao bem comum; **b)** os princípios políticos dos direitos e deveres da cidadania, do exercício da criticidade e do respeito à ordem democrática; **c)** os princípios estéticos da sensibilidade, da criatividade e da diversidade de manifestações artísticas e culturais. Estes três princípios estão previstos:

- (A) na Constituição da República Federativa do Brasil.
- (B) na Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional n. 9394/1996.
- (C) nas Diretrizes Curriculares Nacionais para o Ensino Fundamental (1998).
- (D) nos Parâmetros Curriculares Nacionais.

— QUESTÃO 31 —

Planejar significa antever uma forma possível e desejável. (...). Não planejar pode implicar perder possibilidades de melhores caminhos, perder pontos de entrada significativos (Vasconcellos, 1999, p. 148).

São elementos reconhecidos como imprescindíveis a um plano de aula:

- (A) objetivos, conteúdos, metodologia, recursos, avaliação.
- (B) lista de materiais, objetivos, conteúdos, problematização, cronograma.
- (C) finalidades, assunto, conhecimento prévio, tarefa, avaliação.
- (D) retomada da aula anterior, objetivos, conteúdos, correção da atividade, “dever de casa”.

— QUESTÃO 32 —

Leia o excerto.

Uma verdadeira filosofia da educação não poderá fundar-se apenas em ideias. Tem de identificar-se com o contexto a que vai se aplicar o seu agir educativo. Tem de ter consciência crítica do contexto – dos seus valores em transição –, somente como pode interferir neste contexto, para que dele também não seja uma escrava.

FREIRE, Paulo. Educação e atualidade brasileira. São Paulo: Cortez Editora, 2001.

Neste trecho, Paulo Freire se refere à relação entre:

- (A) educação e sociedade.
- (B) conteúdo e metodologia.
- (C) método e epistemologia.
- (D) educação e subjetividade.

— QUESTÃO 33 —

A Base Nacional Comum Curricular, que está sendo discutida pela sociedade na atualidade, faz referência

- (A) a um conjunto de normas disciplinares que devem guiar as escolas municipais.
- (B) às diretrizes relativas ao que deve ser ensinado aos professores nos programas de formação continuada.
- (C) ao conjunto de conhecimentos essenciais a que todo estudante brasileiro deve ter acesso.
- (D) ao comportamento que deve ser assumido pelos professores nas escolas brasileiras.

— QUESTÃO 34 —

As Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação Básica visam estabelecer bases comuns nacionais para:

- (A) a educação continuada, a formação docente e a educação ao longo da vida.
- (B) a educação infantil, o ensino fundamental e o ensino médio.
- (C) a educação infantil, o ensino fundamental e a educação especial.
- (D) o ensino fundamental, o ensino médio e o ensino profissionalizante.

— QUESTÃO 35 —

A Lei n. 9394, de 1996, prevê que a educação de jovens e adultos será destinada àqueles que não tiveram acesso ou continuidade de estudos no ensino fundamental e médio na idade própria. E ainda indica que a educação de jovens e adultos

- (A) seja etapa preparatória para a educação superior.
- (B) se organize em prol da educação para a cidadania.
- (C) se articule, preferencialmente, com a educação profissional.
- (D) seja ofertada por meio da educação à distância.

— RASCUNHO —

— QUESTÃO 36 —

Diversos autores da área da educação concordam em dizer que a institucionalização da profissão docente coincide com a feminização do magistério, e com sua consequente desvalorização. Com essa constatação é possível inferir que:

- (A) as mulheres tornam a profissão docente mais qualificada, exigente e rigorosa, como é próprio do gênero feminino.
- (B) a feminização do magistério é irreal, pois há homens e mulheres atuando na área do magistério em todo o mundo.
- (C) o magistério é uma profissão desvalorizada, independente do gênero envolvido no compromisso de ensinar.
- (D) a luta pela profissionalização do docente passa a ser não apenas uma luta de classes, mas também uma luta de gênero.

— QUESTÃO 37 —

Existe uma distância entre o saber escolar e o conhecimento que o aluno possui. A transposição didática expressa bem o que ocorre com os saberes a serem ensinados na escola. Há uma passagem da cultura extraescolar ao currículo formal, do currículo formal ao currículo real e do currículo real à aprendizagem efetiva dos alunos. Essa passagem acontece quando o professor realiza um processo de:

- (A) mediação dos conhecimentos.
- (B) avaliação dos conteúdos.
- (C) diagnóstico dos estudantes.
- (D) regulação das aulas.

— QUESTÃO 38 —

Para o bom desenvolvimento do trabalho docente é fator primordial a clareza de onde se quer chegar com os alunos e quais os melhores caminhos e instrumentos para fazê-lo. Esse direcionamento está diretamente relacionado

- (A) à avaliação da aprendizagem.
- (B) ao planejamento escolar.
- (C) à organização do currículo.
- (D) às normas de convivência.

— QUESTÃO 39 —

Leia o excerto.

O que pretendo introduzir é a perspectiva da ação avaliativa como uma das ações pela qual se encorajaria a reorganização do saber. Ação, movimento, provocação, na tentativa de reciprocidade intelectual entre os elementos da ação educativa. Professor e aluno buscando coordenar seus pontos de vista, trocando ideias, reorganizando-as.

HOFFMANN, Jussara M.L. Avaliação: mito e desafio - uma perspectiva construtivista. Porto Alegre: Educação e realidade. 1991.

Neste excerto, a autora apresenta um conjunto de ideias que se refere ao paradigma da avaliação

- (A) classificatória.
- (B) reprovativa.
- (C) mediadora.
- (D) diagnóstica.

— QUESTÃO 40 —

Em entrevista à *Revista Nova Escola*, o professor Cipriano Luckesi comentou que a maioria das escolas promove exames, os quais não são uma prática de avaliação. O ato de examinar é classificatório e seletivo, e a avaliação deveria ser inclusiva, disse ele. Esse modelo de avaliação inclusiva é aquele no qual o estudante vai ser

- (A) ajudado a dar um passo à frente em sua aprendizagem.
- (B) classificado de acordo com seu rendimento médio.
- (C) diagnosticado segundo diferentes níveis de ensino.
- (D) aprovado, independente das exigências estabelecidas.

— RASCUNHO —

CONHECIMENTOS NA ÁREA DE ATUAÇÃO**PEDAGOGO****— QUESTÃO 41 —**

O pedagogo é um profissional de formação generalista com atuação polivalente. Esta afirmação corresponde ao seguinte entendimento:

- (A) um profissional que, por saber de tudo um pouco, deve, no seu ofício, ensinar um pouco de tudo.
- (B) a prática de ensino junto a crianças pequenas supõe um profissional de saberes genéricos e flexibilização funcional.
- (C) a atuação junto aos anos iniciais da educação escolar pressupõe tanto o ensino de certas áreas do conhecimento como a formação do ser humano.
- (D) o trabalho didático com os anos iniciais da escolarização requer uma formação inicial de abordagem funcionalista com vistas à atuação polivalente dos futuros professores.

— QUESTÃO 42 —

O debate sobre o modelo de atuação polivalente do pedagogo revela benefícios e limites. Constituem, respectivamente, um problema e uma vantagem da chamada polivalência:

- (A) o aprofundamento das interrelações entre professor e alunos e a possibilidade de ensinar fundamentos e aplicação dos conhecimentos ligados aos componentes curriculares previstos para cada etapa do Ensino Fundamental.
- (B) a possibilidade de estabelecer práticas interdisciplinares e a necessidade de um profissional versátil no trabalho docente realizado na escola.
- (C) a efetivação de práticas de ensino superficiais no trato com os componentes curriculares e a dificuldade de transitar entre as diferentes áreas.
- (D) a qualidade deficitária no tratamento didático de conceitos ligados aos componentes curriculares previstos para cada etapa do Ensino Fundamental e a garantia de construção de vínculos socioafetivos na escolarização inicial.

— QUESTÃO 43 —

"Sou professor. Tenho uma profissão: ensino. Tenho um espaço onde realizo a minha atividade profissional: a escola." A paráfrase acima está baseada no pensamento de Manoel Oriosvaldo de Moura. Nela são destacadas características inerentes à profissão professor, como:

- (A) a identidade profissional do docente possui relação direta com a prática de ensino e esta deve ser restrita ao âmbito escolar.
- (B) a compreensão do ensino como objeto principal do professor ajuda na definição de princípios que caracterizam suas ações e organizam o seu campo de atuação, visando ao melhor domínio de seu objeto.
- (C) a carreira docente implica o reconhecimento social e político da profissão como meio de estabelecer o específico da função.
- (D) a produção identitária da profissionalização docente pressupõe formação inicial sólida e atuação docente com capacidade definidora de quem é este trabalhador, suas funções e o seu local de trabalho.

— QUESTÃO 44 —

"O entendimento de que os sujeitos não são meros assimiladores de conhecimento dá ao professor uma nova responsabilidade na organização do ensino" (MOURA, 2001, p. 150; in: CASTRO; CARVALHO, 2001). Conforme esta concepção,

- (A) os elementos culturais da realidade do aluno e os aspectos psicológicos de sua aprendizagem também devem pautar a organização do ensino.
- (B) a aprendizagem do aluno envolve boa alimentação, acompanhamento familiar, lição de casa e relações afetivas sólidas.
- (C) o desenvolvimento de políticas públicas de assistência social e psicológica tem efeito imediato sobre a qualificação das aprendizagens escolares.
- (D) o professor tanto deve conhecer determinados componentes curriculares como deve ter a competência de comunicação e de persuasão dos alunos.

— QUESTÃO 45 —

Leia e analise o texto a seguir.

Em seguida à entrada em fila, os alunos sentam-se e aguardam o início da aula. Após ligar o ventilador, Salete, no centro da sala, com o cenho franzido, olha fixa e firmemente para os que ainda conversam. Como a gravidade do olhar e da fachada não é suficiente para obter a atenção de todos, bate palmas e diz: "Pronto!" As crianças finalmente fazem silêncio. Salete interpela-os da forma habitual:

P: Bom dia! Dormiram bem, sonharam com os anjinhos? (sem esperar resposta dos alunos). Vamos fazer as nossas orações. Lembrem-se de que, quando a gente reza, não pode conversar. Estamos conversando com Deus. (27/04/1994. TEIXEIRA, A. M. da F. In: COX; ASSIS PETERSON (Orgs.) 2003, p. 193-226).

O fragmento acima pretende revelar aspectos que caracterizam o modo como a criança recém-chegada à escola (seis anos) é direcionada para assumir o papel de aluno na sala de aula, pois

- (A) a professora emprega o ritual da oração como estratégia que transcende o objetivo de rezar, baixando a efervescência das crianças e instituindo uma cerimônia que espera um novo "modo de estar" (alunos) que é desejável para que a aula seja iniciada.
- (B) as crianças recém-chegadas à escola possuem espontaneidade e gestos desgovernados que precisam ser repreendidos pelo docente responsável, sob pena de que a ação central da sala de aula, o ensino, não se efetive.
- (C) a professora responsável pela iniciação da vida escolar da criança precisa empreender várias estratégias de comunicação para garantir que a criança assuma o comportamento de aluno, condição absoluta para a condução da aula.
- (D) as crianças em fase inicial de escolarização assumem a condição de alunos quando substituem espontaneidade por disciplina, ações desgovernadas por práticas de obediência e reconhecem no professor a autoridade de ensino.

— QUESTÃO 46 —

Para estudiosos que trabalham com a perspectiva teórica de "saberes em ação", como é o caso de Donald Shon, "a eficácia de uma formação estaria relacionada não aos saberes nela difundidos, mas ao lugar assumido pela reflexão sobre as práticas" (CHARTIER, A. M., 2007, p. 189). Neste entendimento da relação entre formação e atuação docente revela-se um aspecto estruturante da docência, a saber:

- (A) tensão irremediável entre teoria e prática.
- (B) necessidade de equilibrar coerência pragmática e coerência teórica.
- (C) sobreposição da formação teórica à prática.
- (D) desprezo teórico pela prática.

— QUESTÃO 47 —

A sequência de falas a seguir constitui o registro de observação de Fernando Becker (1996) acerca de uma aula de Língua Portuguesa na terceira série dos anos iniciais do Ensino Fundamental. Analise-o.

Diz a professora: "Corrigi a composição [produção de texto] de vocês e fiquei muito preocupada porque vocês não põem ponto, acentuação, seguindo as regrinhas.

Vocês têm ideias ótimas, jóias... Vocês têm que aprender.

Vou colocar no quadro: vocês sabem mas têm que prestar atenção." [...]. O aluno FAB mostra sua lição. A professora diz: "Há alguma coisa que me doe os olhos; o que tu escreveste aí? Ele arranca a folha do caderno. Depois reclama da professora: "O que está errado?" A professora insiste em que ele deve descobrir – mas não diz como – o que errou; e arremata: "Quem descobre porque errou não erra nunca mais". [...]. A professora faz "competentemente" a aula girar em torno do assunto. E o faz pela pergunta: "Quando eu quero perguntar eu ponho que ponto? Quando eu quero exclamar eu ponho que ponto? Quando eu quero afirmar... que ponto?"

A análise do registro indica que se trata de

- (A) uma prática de ensino cujo pressuposto teórico é o de que o aluno deve assumir seu próprio processo de ensino-aprendizagem.
- (B) um equívoco no encaminhamento didático da professora que se ausenta da função ensino quando dá uma condução espontaneísta para a aprendizagem.
- (C) uma sequência didática que subtrai a criatividade e supervaloriza aspectos normativos da escrita pouco importantes para a fase de ensino em questão.
- (D) uma prática que visa garantir aos alunos o devido conhecimento de aspectos convencionais da escrita nos anos iniciais da escolarização.

— QUESTÃO 48 —

A avaliação da aprendizagem cumpre função diagnóstica quando:

- (A) possui espaço destacado no projeto político-pedagógico da escola.
- (B) está inserida no planejamento do ensino, na sua execução e nos resultados da aprendizagem.
- (C) possui capacidade de classificação hierarquizada do conhecimento.
- (D) constitui um subsídio para melhoria de resultados.

— QUESTÃO 49 —

"Como ser capaz de desenvolver práticas interdisciplinares, tendo uma frágil base disciplinar?" Esta pergunta decorre de pesquisa realizada por Gatti (2008) sobre o currículo de instituições formadoras de pedagogos. A referida autora mostra que apenas 7,5% dos conteúdos que compõem o currículo dos cursos de pedagogia dizem respeito àquilo que será ensinado pelos futuros professores. Ao evidenciar este aspecto da formação inicial de professores, Gatti (2008) coloca em questão a capacidade do pedagogo em propor práticas interdisciplinares qualificadas. Nesta perspectiva, interdisciplinaridade é:

- (A) o modelo de formação e atuação docente fundamentado na pedagogia da práxis.
- (B) a multirreferencialidade necessária ao profissional formado para atuação junto a crianças pequenas.
- (C) a capacidade de transitar com certa profundidade nas diferentes áreas de conhecimento que compõem o raio de ação profissional do pedagogo.
- (D) a concordância de que a pedagogia de projetos corresponde à alternativa didática para suprir a formação inicial.

— RASCUNHO —**— QUESTÃO 50 —**

Analise a tirinha a seguir.



Disponível em:

<http://www.gazetadopovo.com.br/blogs/wpcontent/uploads/sites/19/import/tirinha_tecnologia_sala_de_aula.jpg, acesso em 05/04/2016.>

A análise do texto indica que

- (A) os professores devem rever suas concepções de ensino em conformidade com as possibilidades dadas pelas tecnologias, superando práticas como a cópia do quadro-negro.
- (B) a escola deve promover ações de formação continuada dos professores com foco nas vantagens da leitura na tela, inscrevendo-os na modernidade.
- (C) os professores devem lutar por iniciativas legais que definam quais recursos tecnológicos são admissíveis na sala de aula.
- (D) a escola deve relacionar-se com as necessidades sociais de cada época, incorporando as novas mídias como meios de impulsionar a educação.

— RASCUNHO —

— QUESTÃO 51 —

O texto a seguir foi escrito por uma aluna da terceira série de uma escola pública de Campinas. Atendia a atividade proposta pela professora, na qual solicitava às crianças que escrevessem sobre si e sobre as identificações e não identificações estabelecidas com os colegas. A proposta tinha como enunciado: "Pense e escreva um texto que fale sobre: 1) Como sou?; 2) Quem é parecido comigo?; 3) O que é parecido na classe?; 4) O que é diferente na classe?"

"Eu sou preta e tenho cabelo duro
Os meninos diram saro de mim só porque eu sou preta
Sou quenta não falo muito sou um pouco bagunceira
gosto muito de passear esete é o fim como sou?

Eu não sou parecido com ninguém
A Ana é diferente de mim ela tem cabelo grande
ela é morena eu sou preta os meninos agaram ela
esste é o fim Quem é parecido comigo Quem é
diferente de mim

Eu sou parecida com a Bea
a Bea tem cabelo duro eu também tenho cabelo duro
A Bea fala muito eu também falo muito
esste é o fim O que é parecido na classe

Quem é diferente na classe é a Inê
ela fica bicuda com a professora
os meninos ficam bringado com ela - Que não
vai fazer só que faz, esste é o fim o que é
diferente na classe."

(Alc. relatado por OLIVEIRA, 1993, p. 161-162. In: GÓES et al. (Orgs.)

Foi solicitado a um pedagogo uma interpretação do texto apresentado, que pudesse ser sintetizada em dois eixos principais. Essa interpretação deve evidenciar:

- (A) traços conceituais de como o processo identitário da criança se dá nas relações sociais escolares. A escrita revela demandas quanto à ortografia e a outras convenções da escrita.
- (B) distorções entre idade e série, reveladas na escrita. A amistosidade define as relações entre os alunos da turma.
- (C) sinais de complexo de inferioridade causado por alunos de etnia superior. O texto explicita a complexidade da ação de ensino da escrita.
- (D) indicadores da identificação da aluna com qualidades inferiores. O cotidiano da sala de aula é espaço de conflitos e requer profissionais qualificados para a docência.

— QUESTÃO 52 —

As Diretrizes Curriculares Nacionais para o Ensino Fundamental (1998) prevêem que a base nacional comum curricular e sua parte diversificada deverão integrar-se de modo a envolver:

- (A) a vida cidadã (saúde, sexualidade, educação financeira, meio ambiente, política, cultura, linguagens, ciência e tecnologia) e áreas do conhecimento (Língua Portuguesa, Língua Materna, Matemática, Ciências, Geografia, História, Língua Estrangeira, Educação Artística, Educação Física, Ensino Religioso).
- (B) áreas do conhecimento (leitura, escrita, operações matemáticas, ciências sociais, ciências naturais) e práticas de cidadania (eleições, saúde bucal, sanitário, culturas urbanas, ética nas redes sociais).
- (C) a vida cidadã (saúde, sexualidade, vida familiar e social, meio ambiente, trabalho, cultura, linguagens, ciência e tecnologia) e áreas do conhecimento (Língua Portuguesa, Língua Materna, Matemática, Ciências, Geografia, História, Língua Estrangeira, Educação Artística, Educação Física, Educação Religiosa).
- (D) componentes curriculares (Língua Portuguesa, Matemática, Ciências Naturais, Geografia, História, Educação Física) e práticas de cidadania (lixo seletivo, educação para o trânsito, respeito às minorias).

— QUESTÃO 53 —

Observe a figura.



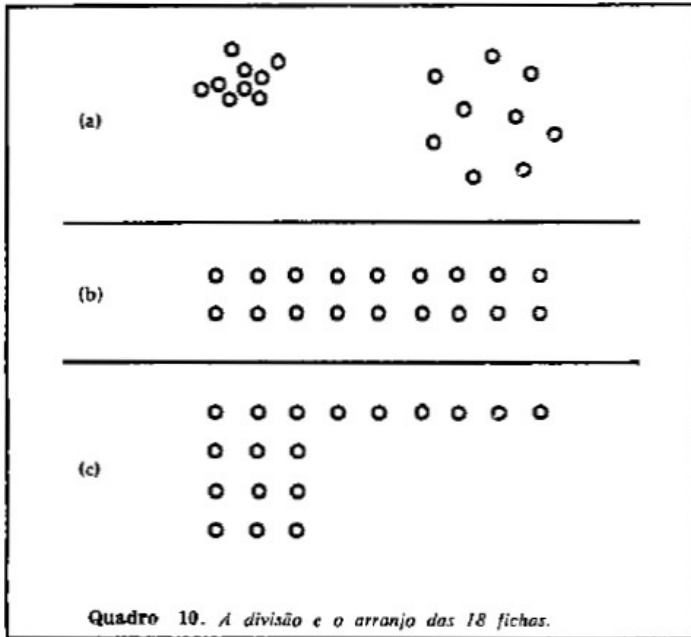
Disponível em: < <http://www.ovelhasvoadoras.com.br/2013/09/desenhos-de-criancas-retratando-o-abuso-que-sofreram.html> >. Acesso em: 8 abr.2016.

De acordo com Lúcia Moysés (2005), um dos desafios de saber ensinar é reconhecer por onde passa o pensamento do aluno, identificando quais são as suas hipóteses em relação ao que lhe é proposto no âmbito da escola. Considerando esta perspectiva, o desenho infantil pode ser compreendido como:

- (A) uma atividade de prazer.
- (B) uma estratégia de objetivação do pensamento.
- (C) uma forma de expressão artística.
- (D) uma proposição assistemática de criação.

— QUESTÃO 54 —

Foi dado a um grupo de crianças em fase pré-operacional (2 a 7 anos) a mesma atividade de matemática: dividir dezoito fichas entre duas pessoas. No quadro a seguir se vê que elas encontraram três maneiras de solucionar o problema.



KAMII, 2009, p. 65.

As soluções de cada uma delas revelam os diferentes tipos de raciocínio realizados, que são, respectivamente,

- (A) correspondência biunívoca, abordagem intuitiva (global), abordagem lógica.
- (B) abordagem algorítmica, correspondência posicional, abordagem logarítmica.
- (C) abordagem intuitiva (global), correspondência logarítmica, abordagem lógica.
- (D) abordagem intuitiva (global), abordagem lógica, abordagem espacial.

— QUESTÃO 55 —

As Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação de Jovens e Adultos (2000) estabelecem esta etapa como uma modalidade da Educação Básica para a qual definem-se os seguintes princípios:

- (A) equidade, isonomia, proporcionalidade.
- (B) igualdade, distinção, dignidade.
- (C) equidade, cidadania, identidade.
- (D) identidade, cidadania, coletividade.

— QUESTÃO 56 —

De acordo com a Lei n. 9394, de 1996, é dever do Estado oferecer educação escolar pública e gratuita a todos os cidadãos e cidadãs. Esse dever de educar corresponde ao período da educação básica brasileira, que atenderia os sujeitos de

- (A) quatro a dezessete anos, ou seja, da educação infantil ao ensino médio.
- (B) quatro a dez anos, ou seja, da educação infantil ao ensino fundamental.
- (C) seis a dezessete anos, ou seja, do ensino fundamental ao ensino médio.
- (D) seis a vinte e quatro anos, ou seja, do ensino fundamental à universidade.

— QUESTÃO 57 —

A educação infantil tem como finalidade o desenvolvimento integral da criança de zero a cinco anos de idade, sendo oferecida em creches e pré-escolas. Considerando essa premissa, a Educação Infantil deve realizar-se mediante

- (A) desenvolvimento intelectual rigoroso das atividades, como preparação para o Ensino Fundamental.
- (B) acompanhamento prioritário do desenvolvimento cognitivo, em detrimento dos aspectos físicos e biológicos.
- (C) acompanhamento e registro do desenvolvimento das crianças, sem objetivo de promoção.
- (D) desenvolvimento social e comunicativo das crianças, focado na formação motora.

— QUESTÃO 58 —

Uma ação pedagógica consciente, que estabelece uma visão integrada do desenvolvimento da criança pequena, com base em concepções que respeitem a diversidade, o momento e a realidade peculiares à infância, implica realizar uma ação integradora entre

- (A) amar e disciplinar.
- (B) motivar e acalentar.
- (C) formar e instruir.
- (D) cuidar e educar.

— QUESTÃO 59 —

Leia o excerto.

O movimento é uma importante dimensão do desenvolvimento e da cultura humana. As crianças se movimentam desde que nascem, adquirindo cada vez maior controle sobre seu próprio corpo e se apropriando cada vez mais das possibilidades de interação com o mundo. Engatinham, caminham, manuseiam objetos, correm, saltam, brincam sozinhas ou em grupo, com objetos ou brinquedos, experimentando sempre novas maneiras de utilizar seu corpo e seu movimento. Ao movimentar-se, as crianças expressam sentimentos, emoções e pensamentos, ampliando as possibilidades do uso significativo de gestos e posturas corporais.

O movimento humano, portanto, é mais do que simples deslocamento do corpo no espaço: constitui-se em uma linguagem que permite às crianças agirem sobre o meio físico e atuarem sobre o ambiente humano, mobilizando as pessoas por meio de seu teor expressivo. As maneiras de andar, correr, arremessar, saltar resultam das interações sociais e da relação dos homens com o meio; são movimentos cujos significados têm sido construídos em função das diferentes necessidades, interesses e possibilidades corporais humanas presentes nas diferentes culturas em diversas épocas da história. Esses movimentos incorporam-se aos comportamentos dos homens, constituindo-se assim numa cultura corporal. Dessa forma, diferentes manifestações dessa linguagem foram surgindo, como a dança, o jogo, as brincadeiras, as práticas esportivas etc., nas quais se faz uso de diferentes gestos, posturas e expressões corporais com intencionalidade.

(REFERENCIAIS CURRICULARES NACIONAIS PARA A EDUCAÇÃO INFANTIL)

Considerando as orientações dos Referenciais Curriculares Nacionais para a Educação Infantil, é preciso eliminar das instituições que recebem crianças pequenas práticas de

- (A) ampliação da cultura corporal de cada criança.
- (B) supressão dos movimentos ou restrições posturais.
- (C) organização de ambientes desafiadores.
- (D) manifestação de aspectos específicos da motricidade.

— QUESTÃO 60 —

O Ensino Fundamental, com duração de nove anos, objetiva a formação inicial do cidadão, tendo como meio básico para este desenvolvimento o pleno domínio

- (A) da oralidade, da escrita e da boa convivência.
- (B) da leitura, das ciências da natureza e do numeramento.
- (C) da ciência, da história e da geografia.
- (D) da leitura, da escrita e do cálculo.

— QUESTÃO 61 —

De acordo com a Declaração Mundial sobre Educação para Todos, escrita em Jontiem, em 1990, “a educação básica deve ser proporcionada a todas as crianças, jovens e adultos. Para tanto, é necessário universalizá-la e melhorar sua qualidade, bem como tomar medidas efetivas para reduzir as desigualdades. [...] é mister oferecer a todas as crianças, jovens e adultos, a oportunidade de alcançar e manter um padrão mínimo de qualidade da aprendizagem.” Esse documento internacional, que ainda se apresenta tão atual no século XXI, aponta para a necessidade de

- (A) ampliação do acesso e promoção da equidade na Educação Básica.
- (B) organização do currículo e elevação das matrículas na Educação Básica.
- (C) ampliação das escolas e promoção dos alunos com dificuldades de aprendizagem.
- (D) adaptação dos conteúdos de ensino e elevação das metas de avaliação.

— RASCUNHO —

— QUESTÃO 62 —

Leia o texto que segue.

O pensamento pedagógico de Paulo Freire, assim como sua proposta para a alfabetização de adultos, inspiraram os principais programas de alfabetização e educação popular que se realizaram no país no início dos anos 60. Esses programas foram empreendidos por intelectuais, estudantes e católicos engajados numa ação política junto aos grupos populares. Desenvolvendo e aplicando essas novas diretrizes, atuaram os educadores do MEB — Movimento de Educação de Base, ligado à CNBB — Conferência Nacional dos Bispos do Brasil, dos CPCs — Centros de Cultura Popular, organizados pela UNE — União Nacional dos Estudantes, dos Movimentos de Cultura Popular, que reuniam artistas e intelectuais e tinham apoio de administrações municipais. Esses diversos grupos de educadores foram se articulando e passaram a pressionar o governo federal para que os apoiasse e estabelecesse uma coordenação nacional das iniciativas.

Em janeiro de 1964, foi aprovado o Plano Nacional de Alfabetização, que previa a disseminação por todo Brasil de programas de alfabetização orientados pela proposta de Paulo Freire. A preparação do plano, com forte engajamento de estudantes, sindicatos e diversos grupos estimulados pela efervescência política da época, seria interrompida alguns meses depois pelo golpe militar.

O paradigma pedagógico que se construiu nessas práticas baseava-se num novo entendimento da relação entre a problemática educacional e a problemática social. Antes apontado como causa da pobreza e da marginalização, o analfabetismo passou a ser interpretado como efeito da situação de pobreza gerada por uma estrutura social não igualitária. Era preciso, portanto, que o processo educativo interferisse na estrutura social que produzia o analfabetismo.

(MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO E CULTURA. Educação para jovens e adultos – ensino fundamental. Proposta curricular do 1º segmento, 2001.)

Fundamentadas na perspectiva freireana para a educação de jovens e adultos, a alfabetização e a educação de base de adultos devem partir sempre de um exame crítico da realidade existencial dos educandos, da identificação das origens de seus problemas e das possibilidades de superá-los. Essa prerrogativa é muito bem representada pela máxima escrita por Paulo Freire, na qual ele revela que

- (A) ler a palavra não é o mesmo que ler o mundo.
- (B) a educação bancária implica a leitura do mundo.
- (C) a leitura do mundo precede a leitura da palavra.
- (D) ler e escrever são quefazeres isolados da compreensão de mundo.

— QUESTÃO 63 —

Quando se fala em alfabetização, de crianças ou adultos, já faz parte de uma compreensão comum a ideia de que é preciso levar em consideração o contexto real dos estudantes. Se uma cartilha apresenta a frase: “Eva viu a uva” e por acaso o estudante que a recebe nunca viu essa fruta ou não a conhece, fica mais difícil levantar hipóteses sobre a leitura partindo de sua vivência. Seria mais fácil, então, lidar com palavras ou frases daquele grupo específico, que possivelmente seriam entendidas por todos, o que tornaria o ensino mais autêntico. Essa percepção revela uma preocupação constante, por parte do professor, em relacionar o conteúdo que será ensinado

- (A) às habilidades inatas dos alunos.
- (B) aos saberes inconscientes dos alunos.
- (C) aos conhecimentos prévios dos alunos.
- (D) aos saberes científicos veiculados pela escola.

— QUESTÃO 64 —

Nos novos livros didáticos, substitutos das antigas cartilhas, verifica-se um rico repertório textual, com práticas frequentes de leitura de gêneros escritos variados. Esses novos materiais utilizados no processo de alfabetização revelam uma preocupação atual em se trabalhar de maneira articulada:

- (A) alfabetização e letramento.
- (B) decodificação e registro.
- (C) leitura e gramática.
- (D) oralidade e numeramento.

— RASCUNHO —

— QUESTÃO 65 —

Leia o excerto a seguir.

Ao reconhecer que as dificuldades enfrentadas nos sistemas de ensino evidenciam a necessidade de confrontar as práticas discriminatórias e criar alternativas para superá-las, a educação inclusiva assume espaço central no debate acerca da sociedade contemporânea e do papel da escola na superação da lógica da exclusão. A partir dos referenciais para a construção de sistemas educacionais inclusivos, a organização de escolas e classes especiais passa a ser repensada, implicando uma mudança estrutural e cultural da escola para que todos os alunos tenham suas especificidades atendidas.

(MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO. Marcos Político-Legais da Educação Especial na Perspectiva da Educação Inclusiva, 2010.)

Assim, tendo em vista as indicações do Ministério da Educação, a educação inclusiva deve

- (A) conjugar igualdade e diferença como valores contrários, avançando em relação à ideia de singularidade.
- (B) reafirmar a lógica da segregação social e educativa, avançando em relação ao conceito de individualidade.
- (C) ressaltar a perspectiva do atendimento especializado, em detrimento do trabalho feito em escolas regulares.
- (D) conjugar igualdade e diferença como valores indissociáveis, avançando em relação à ideia da equidade.

— QUESTÃO 66 —

A Política Nacional de Educação Especial na perspectiva da educação inclusiva tem como objetivo:

- (A) o acesso, a participação e a aprendizagem dos alunos com deficiência, transtornos globais do desenvolvimento e altas habilidades/superdotação nos centros especializados.
- (B) o acesso, a participação e a aprendizagem dos alunos com deficiência, transtornos globais do desenvolvimento e altas habilidades/superdotação nas escolas regulares.
- (C) o acesso, a participação e a aprendizagem dos alunos com deficiência no âmbito dos centros comunitários, com participação direta das famílias.
- (D) o acesso, a participação e a aprendizagem, em grupos separados, dos alunos com deficiência e transtornos globais do desenvolvimento daqueles com altas habilidades e superdotação.

— QUESTÃO 67 —

Observe a tira que segue.



Considerando o contexto histórico-social atual, a tira faz alusão:

- (A) aos riscos da chamada sociedade vazia, na qual as pessoas são substituídas pelos aparelhos eletrônicos e de alta tecnologia, gerando solidão e falta de sentido.
- (B) aos riscos do chamado looping do progresso, no qual as informações não precisam mais ficar armazenadas no cérebro humano, ocasionando o subdesenvolvimento cognitivo.
- (C) aos riscos da chamada sociedade da informação, na qual há uma forte presença das tecnologias de informação e comunicação, mediando a aprendizagem e as relações humanas.
- (D) aos riscos da chamada sociedade do consumo, na qual há uma busca desenfreada pela aquisição de novos bens e produtos, realçando a lógica do individualismo.

— RASCUNHO —

— QUESTÃO 68 —

A função social da escola é ensinar os conceitos científicos das diferentes áreas de conhecimento que a humanidade conseguiu organizar. Ao contrário do conhecimento espontâneo, o que se aprende na escola é hierarquicamente sistematizado e exige que seja intencionalmente trabalhado. Dessa maneira, sabe-se que os estudantes são capazes de elaborar conceitos quando conseguem

- (A) generalizar o conhecimento, aplicando-o a outras situações e passando do particular para o geral.
- (B) aplicar o que foi ensinado em situações e exercícios propostos em sala de aula ou laboratórios.
- (C) apreender inconscientemente os pressupostos científicos presentes em seu dia a dia e realidade de entorno.
- (D) memorizar os conhecimentos, mesmo que demonstrem de forma rudimentar sua utilização em situações reais.

— QUESTÃO 69 —

Leia o excerto para responder às questões 69 e 70.

(A professora Maria Helena está trabalhando com encartes de supermercado. Uma aluna se aproxima dela com um recorte de uma peça de carne)

- Tia, isso é mineral?
- Ângela, o que é isso que você recortou? (silêncio)
- Você conhece isso? (a aluna continua sem falar)
- Você come isso?
- Como.
- Qual o nome disso que você come? Como se chama isso na sua casa?
- É carne.
- De que mais essa carne poderia ser?
- De vaca.
- Que mais?
- De porco... carneiro...
- E o que são a vaca, o boi, o porco e o carneiro?
- São bichos... (e num ar de satisfação conclui:)
- Tia, é animal, não é?

MOYSÉS, L. *O desafio de saber ensinar*. 12ª Edição. Editora Papirus. Campinas, 1998.

Considerando o diálogo mantido entre professora e aluna, as perguntas da professora tinham a finalidade de:

- (A) testar a estudante, colocando à prova sua estrutura cognitiva na compreensão de uma definição simples da realidade.
- (B) levar a estudante a reorganizar sua estrutura cognitiva no sentido de reelaborá-la em níveis mais consistentes.
- (C) promover constrangimento na estudante, para forçá-la a refletir sobre a realidade e chegar ao entendimento.

- (D) facilitar a resposta à estudante, de forma que ela não tivesse que se esforçar tanto ou ser constrangida por não saber o conteúdo.

— QUESTÃO 70 —

No diálogo entre professora e aluna, a professora questiona: “Como se chama isso na sua casa?” Esse questionamento da professora relacionado à casa da aluna é indicativo de que a professora está preocupada em

- (A) saber como as famílias dos estudantes dão nomes aos alimentos, já que pertencem a uma outra classe social.
- (B) apontar para a turma as diferentes maneiras de se nominar coisas, lugares e pessoas, ressaltando a diversidade do grupo.
- (C) demonstrar para a aluna a fragilidade de seu próprio vocabulário, uma vez que se distancia do conhecimento científico.
- (D) resgatar aquilo que a estudante já conhece sobre o assunto, para fazê-la avançar em relação à sua compreensão.

— RASCUNHO —

REDAÇÃO

Instruções

Você deve desenvolver um texto de caráter dissertativo em um dos gêneros apresentados nas propostas de redação. O tema é único para as duas propostas. O texto deve ser redigido em prosa. A fuga do tema ou a cópia da coletânea anula a redação. A leitura da coletânea é obrigatória. Ao utilizá-la, você não deve copiar trechos ou frases. Quando for necessária, a transcrição deve estar a serviço do seu texto. Independentemente do gênero escolhido, o seu texto **NÃO** deve ser assinado.

Tema

Antigamente era melhor?
O passado como arena de conflitos

Coletânea

1. Meia-noite em Paris

Kathy Bates Adrien Brody Carla Bruni Marion Cotillard Rachel McAdams Michael Sheen Owen Wilson

Midnight in Paris
Written and Directed by Woody Allen

OFFICIAL SELECTION
FESTIVAL DE CANNES
opening film

“A gem”
Baz Bamigboye, DAILY MAIL

“Beautiful, playful and funny”
Jason Solomons, THE OBSERVER

“Bracing humour and ravishing romance”
Peter Travers, ROLLING STONE

MEDIAPIRO, VERSÁTIL CINEMA & GRAVIER PRODUCTIONS PRESENT
A PONTCHARTRAIN PRODUCTION
“MIDNIGHT IN PARIS” KATHY BATES, ADRIEN BRODY, CARLA BRUNI, MARION COTILLARD, RACHEL McADAMS, MICHAEL SHEEN, OWEN WILSON
CASTING BY JULIET TAYLOR, PATRICIA DICERTO, STEPHANE FOKINKINS
COSTUME DESIGNER SONJA GRANDJE, EDITOR ALISA LEPSALTER, PRODUCTION DESIGNER ANNE SEIBEL, A/C
DIRECTOR OF PHOTOGRAPHY DARIUS KHONDJI, ASC, A/C, CO-EXECUTIVE PRODUCER JACK ROLLINS
EXECUTIVE PRODUCER JAVIER MENDEZ, CO-PRODUCERS HELEN ROBIN, RAPHAËL BENDJEL
PRODUCED BY LETTY ARONSON, STEPHEN TENENBAUM, JAUME RODRIGES
WRITTEN AND DIRECTED BY WOODY ALLEN

© 2011 MEDIAPRODUCCIÓN, S.L.U., VERSÁTIL CINEMA, S.L. & GRAVIER PRODUCTIONS, INC. PETERDAPPEL

Resenha de Luiz Zanin para o jornal *O Estado de S. Paulo*

(...) é com inteligência e humor que Allen trabalha em *Meia-noite em Paris* um conceito em aparência complexo: existe uma idade de ouro da humanidade ou ela é só construção mental de quem vive insatisfeito em seu próprio tempo?

Essa questão, na verdade fascinante, ganha corpo na figura do escritor Gil (Owen Wilson), que se encontra em Paris com a noiva chatinha e os futuros sogros, riquíssimos. Gil é uma alma que poderíamos chamar de romântica. Ou de civilizada, dependendo do ponto de vista. O contraponto aqui é entre a Europa, refinada, suposta amante das artes, e os Estados Unidos, brutalizados pelo dinheiro. Civilização x barbárie. Uma dicotomia meio tosca (como quase todas), muitas vezes utilizada pelos europeus em causa própria, mas raramente por um norte-americano, como Allen. Também é verdade que Woody Allen hoje consegue filmar na Europa e não em seu país. Fatos são fatos. De qualquer forma, a mística europeia – a de Paris, em particular – historicamente provocou um êxodo da intelligentsia norte-americana para lá nos anos 1930. Zelda e Scott Fitzgerald, Hemingway e Gertrude Stein frequentavam-se e a outros europeus na diáspora, como os espanhóis Picasso, Salvador Dalí e Luis Buñuel. Todos em Paris, centro do mundo, de outro mundo que não o nosso. Estaria lá e naquele tempo a tal idade de ouro? Pode ser, pode não ser.

Allen usa um expediente de ficção científica, a viagem no tempo, para debater a questão. Mistura figuras reais a personagens imaginárias, como o próprio Gil e também as dulcíssimas Adriana (Marion Cotillard) e Gabrielle (Léa Seydoux). Ambas francesas e incumbidas de “mostrar” a Gil as ambivalências da idealização, por um lado. E também certa sabedoria da vida, simples como gota d’água, aquela que consiste em aproveitar o melhor possível o tempo que nos é dado, já que é tudo o que temos. Talvez haja algum didatismo na maneira como esse teorema se demonstra em *Meia-noite em Paris*. Como se Woody Allen tivesse medo de que o público não o seguisse de todo. Ninguém pode culpá-lo por esse receio, e só podemos agradecer-lo e curtir mais este filme solar, daqueles raros a nos dar alguma esperança que não pareça fraudulenta ou ingênua.

Disponível em: <<http://cultura.estadao.com.br/blogs/luiz-zanin/a-meia-noite-em-paris/>>. Acesso em: 16 maio 2016.[Adaptado].

2. Recado de Primavera

Meu caro Vinicius de Moraes,

Escrevo-lhe aqui de Ipanema para lhe dar uma notícia grave: A Primavera chegou. Você partiu antes. É a primeira Primavera, de 1913 para cá, sem a sua participação. Seu nome virou placa de rua; e nessa rua, que tem seu nome na placa, vi ontem três garotas de Ipanema que usavam minissaias. Parece que a moda voltou nesta Primavera — acho que você aprovaria. O mar anda virado; houve uma Lestada muito forte, depois veio um Sudoeste com chuva e frio. E daqui de minha casa vejo uma vaga de espuma galgar o costão sul da Ilha das Palmas. São violências primaveris.

O sinal mais humilde da chegada da Primavera vi aqui junto de minha varanda. Um tico-tico com uma folhinha seca de capim no bico. Ele está fazendo ninho numa touceira de samambaia, debaixo da pitangueira. Pouco depois vi que se aproximava, muito matreiro, um pássaro-preto, desses que chamam de chopim. Não trazia nada no bico; vinha apenas fiscalizar, saber se o outro já havia arrumado o ninho para ele pôr seus ovos.

Isto é uma história tão antiga que parece que só podia acontecer lá no fundo da roça, talvez no tempo do Império. Pois está acontecendo aqui em Ipanema, em minha casa, poeta. Acontecendo como a Primavera. Estive em Blumenau, onde há moitas de azaléias e manacás em flor; e em cada mocinha loira, uma esperança de Vera Fischer. Agora vou ao Maranhão, reino de Ferreira Gullar, cuja poesia você tanto amava, e que fez 50 anos. O tempo vai passando, poeta. Chega a Primavera nesta Ipanema, toda cheia de sua música e de seus versos. Eu ainda vou ficando um pouco por aqui — a vigiar, em seu nome, as ondas, os tico-ticos e as moças em flor. Adeus.

Rubem Braga. *Setembro, 1980*.

Nota: Vinicius de Moraes faleceu em julho de 1980.

3. A danada da nostalgia

(Deborah Couto e Silva para a revista *Vida Simples*)

Por que será que, por mais que a gente tente, muitas vezes é incapaz de abandonar determinadas memórias afetivas: imagens que construímos de nós mesmos, velhos amores, antigos padrões de comportamento? E parece que não adianta mesmo fugir – tais memórias são nossa bagagem, estarão sempre a nos acompanhar. Claro que tudo isso depende do uso que fazemos do nosso passado. Pois uma coisa é ter o tempo pretérito como referência – é por meio do exemplo de pessoas e ações que vieram antes de nós que procuramos não perpetuar os erros de outrora ou que nos espelhamos para construir um presente melhor. Isso é essencial em todas as culturas, do velho pajé que conta antigas proezas da tribo aos mais jovens até os livros de história que nos ensinam sobre os capítulos sombrios da nossa civilização.

Outra coisa bem diferente (e daninha) é a fixação no passado, quando remoemos aquilo que já está longe no tempo e no espaço, ou idealizamos (alguém, uma situação, um estilo de vida) a ponto de não mais conseguirmos olhar para a frente e aproveitarmos o presente – nosso tempo – em todo seu potencial. Aí entra a danada da nostalgia. Sim, porque a nostalgia, essa palavra grega que significa algo como “saudade de um lar que não mais existe ou nunca existiu”, pode ser um obstáculo para o nosso crescimento. Repare em como num momento ou outro a gente pensa num tempo bom que não volta nunca mais, numa “era de ouro” (completamente idealizada, uma ficção que mistura memória e desejo) em que tudo tinha cores mais belas. Ah, antigamente.

Disponível em: <http://mdemulher.abril.com.br/revistas/vidasimples/edicoes/101/grandes_temas/danada-nostalgia-613173.shtml>. Acesso em: 17 maio 2016. [Adaptado].

4. Entrevista com Ney Matogrosso: “O Brasil está mais careta hoje do que era” (María Martín para *El País*)

Pergunta. Qual é rumo da música brasileira? Quem você admira neste momento?

Resposta. Criolo é um deles, e também o Tono, um grupo daqui do Rio de Janeiro. Tem pessoas fazendo coisas interessantes. Eu ouço dizer que há uma crise na música, mas não é uma crise na criação, é uma crise pelos obstáculos que você enfrenta para chegar e tocar no rádio. Hoje em dia você tem que pagar pra tocar, antigamente você gravava um disco e você ia para todas as estações de rádio do país.

P. Há um abismo brutal entre o Ney Matogrosso, exibicionista e ousado do palco e o Ney Matogrosso, tímido e reservado, do dia a dia. Como se relacionam um Ney com o outro?

R. No meu trabalho é assim, é tudo extrovertido, e fora do palco não tenho nenhuma necessidade daquela manifestação. Absolutamente nenhuma.

P. E como se explica isso? Por que na hora de fechar a porta essa necessidade de expressão, de reivindicação perde fôlego?

R. Eu não explico, eu aceito. Mas não é que eu deixe de ser reivindicativo. Eu sou uma pessoa que exige direitos, reivindico o tempo todo, mas não tenho necessidade daquela exposição. Eu sou uma pessoa consciente do mundo que eu vivo, da realidade da vida, da realidade dos governos, das igrejas... Sei tudo isso, sou ligado, não sou bobinho. Minha única via para poder expressar tudo o que eu penso do meu país e do mundo é nas entrevistas que eu concedo, e no palco desafio todas as regras. E eu sou ousado, sim, sou atrevido, sim, porque eu preciso ser, porque o Brasil está mais careta do que era.

P. Como você, que enfrentou uma ditadura, pensa assim?

R. Porque é assim. O Rio de Janeiro, nos anos 60, era uma cidade onde de quinta à sábado você podia andar na rua até cinco da manhã que fervia de gente. Quando aparecia uma bicha muito louca na rua, o povo aplaudia. Eu achava aquilo tão engraçado que eu ficava admirado. Eu vinha do Mato Grosso, onde só tinha um [gay] que passava na rua e só faltava o povo jogar pedra. Isso era de uma maneira geral, o Brasil era mais tolerante com todas as diferenças e foi ficando intolerante. Quem instituiu a violência no

Brasil foi a ditadura militar e o povo passou a ser violento. Existe uma violência agora embutida em todo o mundo, você hoje em dia não pode dar uma opinião. Nas redes sociais as pessoas caem furiosas. Eu não tenho rede social porque não me interessa o que as pessoas estão pensando, porque as pessoas estão loucas, estão radicais. Como a gente vai ser um país com pensamento radical? Mas você vê isso em tudo.

Disponível em: <http://brasil.elpais.com/brasil/2015/10/14/cultura/1444833284_230979.html> Acesso em: 17 maio 2016. [Adaptado].

5.



Bruno Maron (artista). Disponível em: <<http://letrasecimitarras.blogspot.com.br/2013/02/pelo-direito-ao-besteirol.html>>. Acesso em: 17 maio 2016.

Propostas de redação**A – Artigo de opinião**

O *artigo de opinião* é um gênero do discurso argumentativo que tem a finalidade de expressar o ponto de vista do autor a respeito de um determinado tema. A validade da argumentação é evidenciada pelas justificativas de posições assumidas pelo autor ao apresentar informações e opiniões que se complementam ou se opõem. No texto, predominam sequências expositivo-argumentativas.

Assuma o discurso de um professor do Ensino Básico antenado com as discussões do seu tempo. Diante dos vários fenômenos de crise que acometem a humanidade periodicamente (crise moral, crise política, crise econômica etc.), você resolve usar os conhecimentos e as reflexões construídos em sala de aula para escrever um artigo de opinião sobre "O passado como arena de conflitos" a ser publicado em jornal de circulação regional. Defenda seu ponto de vista, apresentando argumentos que problematizem a pergunta "Antigamente era melhor?".

B – Carta de leitor

A carta de leitor é um gênero discursivo no qual o leitor manifesta sua opinião sobre assuntos publicados em jornal ou revista, dirigindo-se ao periódico, direcionando a carta ao editor (representante do jornal ou da revista), ao autor da matéria publicada (quando o seu nome é revelado) ou ao público leitor. Por ser de caráter persuasivo, o autor da carta de leitor busca convencer o destinatário a adotar o seu ponto de vista e a acatar suas ideias por meio dos argumentos apresentados.

Escreva uma carta de leitor com o objetivo de refletir sobre "O passado como arena de conflitos" a partir da declaração de que "O Brasil está mais careta do que era" feita por Ney Matogrosso em entrevista concedida a Maria Martín no jornal *El País Brasil*. Relate e comente fatos públicos, nacionais e internacionais, para discutir transformações e permanências na sociedade brasileira capazes de questionar a ideia de que "Antigamente era melhor". Para escrever sua carta, considere as características interlocutivas próprias desse gênero.

NÃO IDENTIFIQUE O REMETENTE DA CARTA.

